

SUBSÍDIOS PARA UMA REEDIÇÃO DE RIMAS VÁRIAS DE SOROR VIOLANTE DO CÉU¹

A qualidade poética que se descobre em Soror Violante do Céu contrasta com o quase silêncio a que a história e a crítica literárias têm reduzido a sua obra. O conhecimento que o leitor actual tem desta poetisa, através das poucas antologias de poesia barroca existentes, limita-se a um número muito restrito de composições — quase exclusivamente sonetos — praticamente retomadas de antologia para antologia, que se inscrevem, sobretudo, na prática poética em Português, descurando, por motivos vários, que a maior parte da produção desta autora se fez em Castelhana. Esta redução não é fácil de se entender, sobretudo se pensarmos na vastidão do corpus poético de Soror Violante do Céu e na variedade de géneros que o constitui.

A literatura do período barroco, vítima de frequentes atitudes de alheamento como esta, tem reflectido uma visão deformadora das linhas gerais que a caracterizam e que só a reedição das obras mais significativas deste período ajudará a ultrapassar. É nesse sentido que se realiza este trabalho, que pretende ser um contributo para uma futura reedição de *Rimas Várias*. Esta reedição perece-nos tanto mais justificada quanto as características do trabalho poético de Violante do Céu se apresentam, em larga medida, conformes com os interesses de muitos leitores contemporâneos. *Rimas Várias* releva de uma concepção de texto poético como espaço de teatralização, manifestada abertamente pelo carácter de duplicidade e de fragmentação que preside ao tratamento do sujeito. A esta dimensão de alteridade junta-se a complexidade do processo de significação, que leva a um extremo de elaboração a construção da ambiguidade, através da ambivalência do significado poético.

A atitude conscientemente produtiva que se adivinha neste percurso explica, por exemplo, a curiosidade com que os poetas ligados ao movimento da poesia experimental se debruçam sobre a poesia barroca, sendo dos poucos que valorizam os trabalhos desta autora.

Ocorrências parcelares de *Rimas Várias* em colectâneas posteriores e o desconhecimento de qualquer manuscrito (autógrafo ou não) anterior à edição de Ruão² colocam, à partida, a exigência de confirmar a fiabilidade da referida edição. Daí a necessidade de um confronto entre as diferentes lições existentes para os mesmos textos.

¹ Trabalho apresentado no âmbito do Curso de Mestrado de Literaturas Românicas, Modernas e Contemporâneas, para um Seminário orientado pelo Professor Doutor José Adriano de Carvalho.

² O único manuscrito autógrafo conhecido é uma carta de Soror Violante do Céu, que se encontra na Biblioteca Municipal de Évora, registado com a cota LVTI/1-26, fl. 373 e 373 v.

Tendo a poesia barroca conhecido larga difusão ao longo dos séculos XVII e XVIII através de antologias, foi possível encontrar extractos da obra de Soror Violante do Céu em colectâneas manuscritas ³, na *Fénix Renascida* (1.^a e 2.^a edições) e no *Postilhão de Apoio* ⁴.

Se, cronologicamente, seria admissível a possibilidade de ser a edição de Ruão a matriz de compilações posteriores, apenas um confronto dos textos poderia esclarecer essa relação ⁵. No entanto, o estudo comparativo das várias lições desmentiu a hipótese dessa relação matricial e, ao traçar o quadro de relações entre os vários textos, revelou a existência de duas grandes linhas distintas, na transmissão textual do corpus de *R.V.* Este facto tem, ainda, como correlato, a impossibilidade de se aventar a hipótese de existência de um manuscrito anterior à edição de Ruão como génese de todas as lições confrontadas. Procurou-se fazer um levantamento das possíveis variantes ocorridas entre as várias lições, o que, à partida, ajudaria a confirmar semelhanças ou diferenças.

A compilação realizada por Frei Leonardo de S. José, em *R.V.*, engloba 96 composições, onde se destacam 26 sonetos, 27 romances e 12 décimas, como géneros mais tratados, embora surjam, ainda, a glosa, a silva, a epístola, a proposta, o madrigal, a redondilha e a canção. Destas composições, apenas são retomadas: 4 sonetos, no Ms. T.T.; 9 sonetos, 2 décimas, 1 glosa, 9 romances e 1 redondilha, no Ms. B.B.; na *F.R.*, 24 sonetos (22 na 1.^a edição e 2 na 2.^a), 10 composições de temática circunstancial abrangendo vários géneros e 18 romances (10 no tomo I, 2.^a edição e 8 no tomo V, 2.^a edição); no *P.A.*, 22 sonetos e 10 romances. O levantamento das composições encontradas nos Manuscritos da Biblioteca de Coimbra permitiu destacar o seguinte quadro de ocorrências:

SONETOS

«Será brando o rigor, firme a mudança»	Ms. 395, 526, 1636
«Amor se uma mudança imaginada»	Ms. 395, 526, 1636
«Vive no original deste treslado»	Ms. 380, 395, 526, 1636
«Que logras Portugal? um Rei perfeito»	Ms. 380, 526, 3029

³ Manuscrito da Biblioteca Municipal de Braga, registado com a cota Res. Ms. 130. Ms. do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, registado com a cota Ms. 1659. Manuscritos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, registados com as cotas Ms. 374, Ms. 380, Ms. 395, Ms. 405, Ms. 526, Ms. 1636, Ms. 3029.

⁴ A partir deste momento, por comodidade de designação, passamos a referir pelas abreviaturas *R.V.*, *F.R.1*, *F.R.2*, *P.A.1*, *P.A.2*, Ms. T.T. e Ms. Braga as obras *Rimas Várias*, *Fénix Renascida*—1.^a edição, *Fénix Renascida*—2.^a edição, *Postilhão de Apoio*—1.^o volume, *Postilhão de Apoio*—2.^o volume, Manuscrito da Torre do Tombo e Manuscrito da Biblioteca de Braga, respectivamente.

⁵ Cronologia das obras confrontadas:

- R.V.*, edição de Ruão, 1646.
- Manuscrito da Torre do Tombo, 1697.
- Manuscrito da Biblioteca Municipal de Braga. Sabe-se, apenas, que é anterior a 1720.
- Fénix Renascida*, 1.^a edição (Tomo I, 1716; Tomo II, 1717; Tomo III, 1718; Tomo IV, 1721; Tomo V, 1728) e 2.^a edição (tomos I a V, 1746).
- Postilhão de Apoio*, tomo I e II, 1761-62.
- Manuscritos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, séc. XVIII.

NOTAS E COMENTÁRIOS

ROMANCES

«Retrato como podre» «En
que estrano laberinto» «Huid }
de amor Zagalejas» «Zagales }
de aquestos montes»

Ms. 374

Ms. 405

A distribuição do corpus de *R.V.* ao longo das edições e manuscritos encontrados não é, de forma alguma, constante: nenhuma composição é comum a todos os manuscritos e edições, embora seja frequente o caso de composições retomadas em diversas lições. Por outro lado, há, ainda, composições retomadas, apenas, por um manuscrito isolado.

Face à necessidade de verificar a fiabilidade da edição de Ruão, com vista à sua reedição, interessou-nos, fundamentalmente, estabelecer um confronto que permitisse a análise do maior número de composições de *R.V.* Por isso, dada a já referida complexidade da distribuição das ocorrências, optou-se por um critério que destacasse, simultaneamente, o maior número de variantes e o maior número de composições. O confronto das primeiras permitiria concluir acerca da elaboração mais ou menos criteriosa da edição de Ruão e o confronto das segundas alargaria substancialmente o corpus de composições analisadas, permitindo o alargamento de conclusões deste trabalho. Eis o que explica as proporções do quadro em anexo.

Uma leitura global do quadro — elaborado tomando em consideração os dois factores referidos — revela a existência de apenas duas linhas de força na transmissão do corpus poético de Soror Violante do Céu. Verificou-se que, para cada composição confrontada, as lições divergiam apenas em duas direcções e a análise dessa bifurcação mostrou que a maior parte das lições seguia a tradição de Ruão, sendo sempre muito menos significativo o conjunto de textos que se aproximam, por terem em comum as mesmas divergências, relativamente a *R.V.* Há que referir, todavia, que este facto não exclui alguns casos — raros — de homogeneidade de variantes, em contraposição à edição de Ruão⁶. Curiosamente, alguns desses casos coincidem com os casos de incorrecção na edição de Ruão⁷.

Merecem, no entanto, referência os únicos três casos de todo este corpus confrontado, em que se verificam mais de duas lições distintas para o mesmo segmento. Referimo-nos a:

«Que logras Portugal? hum Rey perfeito»

Vs.13 — 1 — «Não ser hu mundo ou não ser cento» (Ruão, F.R.2 P.A.1)

2 — «Não ser hu mundo ou ser cento» (Ms. 380, 526)

3 — «Ser so hu mundo e não ser cento» (Ms. 3029)

⁶ Veja-se, a este respeito, o soneto «Vive no original deste treslado», onde um confronto das variantes permite associar, num mesmo bloco, a *F.R.*, os Ms. 380, 395, 526 e 1636, por oposição a *R.V.*, que aparece, assim, isolada.

⁷ Está nesta situação a variante «junto» (do vs. 11 da composição referida na nota 6), em *R.V.* e «vivo», na *F.R.* e nos manuscritos citados na nota 6.

Sobre este assunto, vejam-se, ainda, as ilações tiradas na pág. 5.

«Huid de amor Zagalejas»

- Vs.6 — 1 — «Nó de sus gustos» (Ruão, Ms. Braga, P.A.2)
2 — «Nó de su gustos» (F.R.2)
3 — «Ni de sus gustos» (Ms. 374)

«Se apartada do corpo a doce vida»

- Vs.2 — 1 — «Viva morte» (Ruão)
2 — «Dura morte» (Ms. Braga)
3 — «Triste morte» (Ms. T.T.)

Contudo, se, à primeira vista, esta correlação de forças parece ser diferente daquela que foi por nós apontada, tal não acontece, pois o confronto das variantes permitiu-nos excluir uma delas, em todos os casos, ou por se tratar de gralha, ou, ainda, por não respeitar a coerência semântica do texto. Ficam, portanto, restabelecidas as duas linhas de força⁸.

O estudo paralelo de todas as lições deste vasto corpus poético apresenta a vantagem de sustentar uma reflexão orientada em três direcções. Torna-se, assim, possível fazer o levantamento fundamentado dos casos que permitem calibrar algumas incorrecções da edição em causa e dos que, sendo variantes alternativas, deveriam ser tomados em conta, numa futura reedição. Pode, também, constatar-se a existência de um número muito significativo de variantes, facilmente reconhecíveis como incorrecções, que apenas confirmam a credibilidade da edição de Ruão.

I — *Casos que permitiram detectar e resolver deficiências da edição de Ruão, do ponto de vista da coerência semântica, da sintaxe ou da composição tipográfica:*

1 — «Será brando o rigor, firme a mudança»

No vs. 5 deste soneto, aparece, na edição de Ruão, a forma «terá», a que os manuscritos 395, 526 e 1636 contrapõem «será».

A forma ocorrente em Ruão destrói, de facto, o paralelismo de construção próprio da estrutura anafórica deste poema. Por outro lado, «terá» não parece semanticamente pertinente, porque interrompe o jogo de paradoxos desenvolvido.

2 — «Vive no original deste treslado»

O vs. 11 desta composição apresenta o adjectivo «junto», que a *F.R.1* e os manuscritos 380, 395, 526 e 1636 substituem por «vivo». Parece-nos preferível optar pela última solução, uma vez que a linha de sentido do poema opõe o original à cópia e, efectivamente, o «vivo» e o «aparente». Parece-nos, assim, que, deste modo, se enriqueceria o jogo de conceitos ocorrente no texto.

⁸ Na primeira e na terceira composições, deparamos com nítidos problemas de incoerência semântica. Quanto à segunda composição, trata-se, simplesmente, de uma gralha.

NOTAS E COMENTÁRIOS

3 — «Tocad ai arma cuidados»

O confronto da lição de Ruão com a *F.R.2*, o *P.A.2* e o Ms. Braga permitiu-nos confirmar a suspeita de gralha tipográfica ocorrente neste romance, onde os vs. 3, 4, 5 e 6 coincidem com os vs. 7, 8, 9 e 10, sem que a estrutura do poema o justifique.

4 — «Huid de amor Zagalejas»

Propõe-se que, no vs. 15 de *R.V.*, se substitua «zagales» por «zagaias», se se quiser restabelecer a coerência semântica, mantendo, no corpo do texto, o género feminino a que o título alude.

5 — «Não trateis mais de offenderme»

O confronto com a *F.R.2* permite-nos corrigir uma gralha ocorrente no vs. 42, onde encontramos «cudais» por «cuidais».

6 — «Retrato como podre»

No vs. 18, a opção pela lição do Ms. 374 repõe a coerência sintáctica que a forma «acaben», em Ruão, alterara. A forma verbal «acabe» concorda com «sufrimento» e não com «sinrasones»: «Que importa que sinrasones / el sufrimento me acabe...»

II — *Casos em que as duas linhas de força se revelam igualmente pertinentes*

O quadro apresentado possibilita uma visão global e exaustiva de todas as alternativas em relação à edição de Ruão. Destacaremos, aqui, apenas aquelas que, embora produzindo uma nítida alteração semântica, em relação à edição de *R.V.*, se apresentam como uma hipótese de leitura possível.

— No soneto «Amor se huma mudança imaginada», encontramos, no vs. 5, a variante «recatada» (Ms. 395 e 526), em oposição a «receada» (Ruão, *F.R.1*, Ms. 1636). Apesar de preferirmos esta última hipótese, não deixamos de considerar a primeira como uma leitura possível.

— O caso do soneto «Será brando o rigor, firme a mudança» é bastante mais curioso. O Ms. 526 apresenta um conjunto de variantes que se aproximam da recriação:

Ruão, *F.R.2*, *P.A.2*, Ms. Braga, 395 e 1636

Vs.4 — *Discreta* a confiança

Vs.5 — *Firme* lembrança

Vs.7 — *Lhana aficção, sofisticada* a lhaneza

Vs.11 — *Intrépido* o temor

Ms. 526

Vs.4 — *Retirada* ...

Vs.5 — *Do amor* ...

Vs.7 — ... *soberba, altiva* ...

Vs.11 — *Desmaiado* o valor

— A composição «Que suspensão, que enleio, que cuidado», apesar de apresentar, apenas, uma oscilação relativa à pontuação, tem de ser considerada, na medida em que esta oscilação conduz a duas interpretações diferentes, para o vs.2, embora ambas plausíveis.

<i>R.V.</i> , Ms. Braga	<i>F.R.2</i> , <i>P.A.I</i>
«He este meu, tyrano Deos Cupido?»	«He este, meu tyrano deos Cupido»

Inclinamo-nos, todavia, para a versão de *R.V.*, já que, nesta, se faz equivaler a pausa lógica ao primeiro acento do verso decassilábico sáfico, estando a forma «meu» ligada a «cuidado» e não a «tyrano»: «(...) que cuidado/he este meu, tyrano Deos Cupido?»

— Em «Vive no original deste treslado», o vs.12 oscila entre «Célia», para *R.V.*, e «Lizes», para os Ms. 380, 395, 526 e 1636 e a *F.R.* É de notar que as duas versões são formas anagramaticamente afins.

O vs.7 também opõe a lição de *R.V.* («Rendera» a todos os outros textos já citados («Vencera»). Ambas as variantes são admissíveis: «Vencera» confirma o paralelismo estrutural; «Rendera», no entanto, é bastante pertinente do ponto de vista semântico,

— O romance «Huid de amor Zagalejas» também apresenta uma variante pertinente: «Huid si viver quereis» (*R.V.*, *F.R.2*, *P.A.I*, Ms. Braga, Ms. T.T.) versus «Si allegres vivir quereis» (Ms. 374).

A primeira estabelece um paralelismo estrutural («Huid de amor Zagalejas/Huid si viver quereis») e a segunda reitera a isotopia da incompatibilidade amor / felicidade.

— Em «Retrato como padre», encontramos-nos, novamente, perante um caso que se aproxima da recriação:

<i>R.V.</i>	Ms. 374
Vs.30—«En que sentimento os falte»	Vs.30 —«En que viviente no os halle»
Vs.60 — «Solamente idolatrarle»	Vs.60 — «De saber idolatrarle»

— Destacamos, ainda, a composição «Libertad ya teneis dueno»,

<i>R.V.</i> , Ms. Braga	<i>F.R.2</i>
Vs.16—«Siempre triunfa de eclipses»	Vs.16 —«A Ias sombras nó se rinde»
Vs.37 —«Amalde libertad siempre»	Vs.37 —«Amadle libertad mia»
Vs.38 —«Amalde si, mas huirle»	Vs.38—«Sea Ia empreza no huirle»

onde, curiosamente, toda a substituição lexical vai no sentido de negar os atributos divinos.

— Quanto à composição «En que estrano laberinto», é de salientar a discrepância entre as duas versões do vs. 14: «Es peligrosa experiéncia» / «Es sabida impertinéncia», em *R.V.* e no Ms. 374.

NOTAS E COMENTÁRIOS

— Finalmente, referimos o único caso onde encontramos uma redução de texto. Esta redução poderá justificar a enorme diferença existente nos versos 5, 6, 7 e 8, entre a edição de Ruão e o Ms. 405, se aceitarmos a hipótese de que esta diferença é decorrente de uma redução voluntária⁹.

Não sendo possível optar, com segurança, por qualquer destas hipóteses, importa salientar que a sua coexistência confirma a enorme vitalidade da obra do Soror Violante do Céu¹⁰.

III — O mapa em anexo permite, ainda, analisar todo um conjunto de variantes que confirmam a qualidade da edição elaborada por Frei Leonardo de S. José e que nos dispensamos de explicitar por serem por demais numerosas. É esta a razão pela qual remetemos directamente, neste ponto, para o referido mapa.

A existência da bifurcação salientada para a transmissão do corpus poético de *R.V.* coloca, de forma pertinente, o problema da fidelidade do texto de Ruão, uma vez que se ignora o momento da divergência dessas duas linhas de força. Interessa-nos, pois, saber qual a lição que merece maior credibilidade e se uma reedição de *R.V.* deveria ou não tomar em linha de conta as variantes das obras posteriores. Se é possível a hipótese de haver uma ruptura posterior à fixação impressa, iniciada por cópias manuscritas de alguns textos da edição de Ruão, não é de excluir a possível coexistência dessas duas tendências, numa fase anterior à referida edição. As diferentes versões de uma mesma composição podem ser consequência de cópias sucessivas de um mesmo manuscrito. Podem, também, justificar-se como decorrentes da criatividade da própria Soror Violante do Céu, como poderá sugerir o confronto, da composição «Zagales de aquestos montes», em Ruão, com a ocorrente no Ms. 405^{1:L}.

O desconhecimento de autógrafos de Soror Violante do Céu e consequente impossibilidade de reconstituir a matriz subjacente à edição de Ruão levantam uma série de dificuldades a qualquer tentativa de reedição de *R.V.*

⁹ Cf. nota 11.

^D Seria possível fazer um estudo do gosto literário desta época, a partir dos critérios subjacentes à selecção apresentada nas diferentes antologias. Uma análise comparativa revela que, para o caso de Soror Violante do Céu, a preferência recai sobre um corpo de 18 poemas (sonetos e romances) de temática amorosa. Este facto é tanto mais curioso quanto a obra desta poetisa é de índole predominantemente religiosa. Convém, no entanto, não extremar esta dicotomia, na medida em que, em Soror Violante do Céu, o sagrado e o profano se entrecruzam.

^B Trata-se de um texto muito curioso, na medida em que a variante ocorrente no Ms. 405 tanto se pode explicar como sendo uma variação da autoria de Soror Violante do Céu (o que parece pouco provável, dado que desmerece das qualidades poéticas desta autora), que nos apresentaria uma versão mais sintética da mesma composição, como pode ser um caso de plágio, já que a referida composição surge referenciada, em pé de página, de uma forma ambígua: «Da Senhora Dona Luísa Bernarda, Minha Senhora».

Não parece viável a explicação da variante pela alteração decorrente de cópias sucessivas, pois a autonomia semântica da 2.^a versão aponta para uma redução voluntária.

<i>Composições</i>	<i>Edição de Ruão</i>	<i>Fénix Renascida I</i>	<i>Fénix Renascida II</i>	<i>Postilhão de Apoio - I</i>	<i>Postilhão de Apoio - II</i>	<i>Mi. de Braga</i>
«Yo tomaré la pluma, y de tus glorias»	v.2 — coronista seré		cronista serè		El cronista...	
«Que logras Portugal? hum rey perfeito.»	v.8 —de feliz v.8 —por Deos feito v.10—que te julgas v.13—não ser hu[m] mundo ou não ser cento,		v.8 - = v.8 - = v.10- = v.13—Não ser hu[m] mu[n]do ou não ser cento	v.8 - = v.8 - = v.10- = v.13- =		-
«Amor, se huã mudança imaginada.»	v.2 —he ja con tal rigor minha homicida, v.3 —que será se passar v.5 —receada v.9 —Porem se ja me mata v.10—samente imaginalla v.12—Que me fará	v.2 —He con tanto rigor v.3 —Que fará v.5 - = v.9 —Porem já que me mata v.10—Samente o imaginalla v.12- =				
«O tu, que opposto sempre à dura Parca.»	v.4 —menos por seu respeito amorte abarca. v.14—seu nome		v.4 —Menos teu respeito <-----> -> v.4 - = a morte abarca v.14— =		v.14—teu nome	
«Musas que no jardim do Rey do dia»	v.12—Sabei que acreditando a Divindade,		v.12—Sabey que por mercê da divindade <-----> --> v.12- =			
«Será brando origor, firme amudança.»	v.4 —Discreta aconfiansa v.5 —Terá a ingratição v.5 —firme lembrança, v.7 —lhana aficção, v.11—intrépido o temor v.13—falça averdade		v.4 - = v.5 - = v.5 - = v.7 - = v.11- = v.13- =		v.4 - = v.5 - = v.5 - = v.7 - = v.11- = v.13- =	v.4 - = v.5 - = v.5 - = v.7 - = v.11- = v.13- =
«Se apartada do Corpo adoce vida.»	v.6 — he viva morte v.10—querer vir dar-me vida		v.6 - = v.10—a querer vir dar-me		v.6 - = v.10—=a querer vir dar-me	v.6 —he dura morte v.10- =

<i>Ms. da Torre do Tombo</i>	<i>Ms. 374 B.G.U.C.</i>	<i>Ms. 380 B.G.U.C.</i>	<i>Ms. 395 B.G.U.C.</i>	<i>Ms. 405 B.G.U.C.</i>	<i>Ms. 526 B.G.U.C.</i>	<i>Ms. 1636 B.G.U.C.</i>	<i>Ms. 3029 B.G.U.C.</i>
		v.8 -de felicidade ----- v.8 —= v.10- = v.13—não ser hu mundo ou ser cento		----- >	v.8 - = v.8 - = v.10—= v.13 - -		v.8 - = v.8 — de Deos feito v.10—Qual te julgas v.13—Ser só hum Mundo e não ser cento
			v.2 - = v.3 —que será? v.5 —recatada v.ç —= v.10- = v.12- =		v.2 - = v.3 - = v.5 - = v.9 - = v.10—= v.12—Que fará	v.2 - = v.3 - = v.5 - = v.9 - = v.10—= v.12—Que me fará	
			v.4 - = v.5 —Será v.5 - = v.7 - = v.11- = v.13- =		v.4 —retirada a confiança v.5 —Será v.5 —do amor lembrança v.7 —lhana a soberba, altiva a lhaneza v.11 —desmaiado o vaor v.13—... adversidade	v.4 - = v.5 - = v.5 - = v.7 - = v.11- = v.13- =	
6 — hé triste morte 10—a querer me dar vida							

<i>Composições</i>	<i>Edição de Ruão</i>	<i>Fénix Renascida I</i>	<i>Fénix Renascida II</i>	<i>Postilhão de Apoio - I</i>	<i>Postilhão de Apoio - II</i>	<i>Ms. de Braga</i>
«Que suspensão, que enleio, que cuidado»	v.2 — he este meu, tyrano Deos Cupido?		v.2 —He este, meu tyrano deos Cupido?			v.2 - =
«Vive no original deste traslado»	v. 1 — traslado v.7 —rendera a copiaso v. 11— tudo junto v.12-de Célia a alma v. 14—como vivo opintado	v.1 - = v.7 —Vencera v. 11—vivo v.12— Luzes v. 14—Como o vivo pintado				
«Amada prenda dei alma»	v.20—y yo dichosa con vos.		v.20—Yo mui dichosa	-----	- > v.20- =	
«Huid de amor Zagalejas»	v.2 —huid si vi vir v.4 — escarmiento os puede ser v.6 —nó de sus gustos v.13— En los tormentos v.15 —miradme, y vereis Zagales v. 16—este enemigo		v.2 —Huid se vivir v.4 —Escarmiento puede ----- v.6 —Nó de su gustos v.13- = v.15—Miradme y vereis zagaia v.16- =		---- > v.2= > v.4= v. 6 - = v.13- = --> v.15- = v.16- =	v.2 - = v.4 - = v.6 — nó de sus v.13- = v.15—zagales v.16- =
«Retrato como podre»	v.3 —si el amor v. 18—el sufrimento me acaben v.20—Retrato, que sufra, y calle v.29—O como soy venturosa v.30—en que sintimento os falte v.56—sabrà mejor venerarle v. 59—que ami me basta por gloria v. 60—solamente idolatrarle					
«Tocad ai arma cuidados»	v.v. 3, 4, 5, 6 repetem-se pela ordem nos v.v. 7, 8, 9, 10.		--		>- -	—, —> =
«Que avarienta de favores»	v. 59—que quiero mas		v. 59—Que estimo mas	--- > v.59- =		

						<i>Ms. de Brag,</i>
<i>Composições</i>	<i>Edição de Ruão</i>	<i>Fénix Renascida I</i>	<i>Fénix Renascida II</i>	<i>Postilhão de Apoio - I</i>	<i>Postilhão de Apoio - II</i>	<i>Ms. de Brag</i>
«Si mis dudas te entristecen»	v.25—Nó en peligros descees		v.25—intentes			
«Libertad ya teneis dueno»	v.16—siempre triunfa de eclipses v.32—nó es bien que tope con Sirtes v.37—Amalde libertad siempre v.38—amalde sy, mas huilde		v.16—A las sombras nó se rinde v.32—Nó es bien vá topar las syrtes v.37—Amalde Libertad mia v.38—Sea la empreza, no huiríe			v.16- = v.32- = v.37- = v.38- =
«Libertad, nó tengais dueno»	v.22—sus deseos, yó que mal v.25—Que mal v.39—porque quien passa de injusto v.41—Dexalde pues resoluta		v.22—Sus promessas, y que mal v.25—Quien mal v.39—...de justo v.41—Dexadle			
«Sintiendo ausências de Lauro»	v.49—Lauro divino v.51—entre glorias v.53—Divina Nisse		v.49—Lauro entendido v.51—dichosa v.53—Gallarda Nise			
«Coraçon pues os maltratan»	v.30—admiro v.62—amor infinito		v.30—diviso ----- v.62—amor tan preciso -----		----- > = ---- _ > =	
«Lagrimas que mudamente»	v.35—pues la union mas venturosa		v.35—La union más venturosa			v.35- =
«Zagaias de aquetos montes»	v.1 —Zagaias		v.1 — Zagales			v.1 - =
«Não trateis mais de offenderme»	v.42—cudais que Am-friso me engana v.47—muitas v.61—E assi se he temeridade		v.42—Cuidais v.47—muita v.61—e se he			
«Façamos pases eternas»	v.50—divina Criatura		v.50—sublime			
«En que estrano laberinto»	v.18—es peligrosa experiêcia: v.20—es rason, mas nó es firmesa v.36—a feminiles empresas v.38—que aura que bien me paresca v.39—despues de haver conocido v.40—quien es de partes esfera					

<i>Composições</i>	<i>Edição de Ruão</i>	<i>Fénix Renascida I</i>	<i>Fénix Renascida II</i>	<i>Postilhão de Apoio - I</i>	<i>Postilhão de Apoio - II</i>	<i>Ms. de Brag</i>
	v.45—O confusion rigurosa v.49—o amor conse-jero sábio v.62—sufrá, calle, adore, quiera v. -Ia desdicha da Delia					
(Zagales de aques- os montes»	v v 6 —entre amorosos 7 —que se solicitán v. ocasionando castigos v.9 — Lisardo agrado procura v. -con modo tan exquisito v. -que ostenta lo riguroso v. -para mostrar lo rendido v. -Tiernos affectos confessa v. -mas si acreerle me rindo v. -quando le espero amoroso v. -le reconosco enemigo					

LEGENDA: O sinal = significa a ausência de variantes relativamente a R.V. ou entre as composições aproximadas por uma se

<i>Ms. da Torre do Tombo</i>	<i>Ms. 374 B.G.U.C.</i>	<i>Ms. 380 B.G.U.C.</i>	<i>Ms. 395 B.G.U.C.</i>	<i>Ms. 405 B.G.U.C.</i>	<i>Ms. 526</i> I <i>Ms. 1636 B.G.U.C.</i>	<i>Ms. 3029 B.G.U.C.</i>
	v.45—Ocazion riguroza v.49—Amor... v.62—Sufre, calle, adore y quiere v.65—Io desdiche de Phisbe					
				v.6 — tan amo- rosos v.7 —onde solicitan v.8 — occasio humano castigo v.9 — Amor y agracio v.10—con un modo tan esquibo v.11—aostentar aun rigu- roso v. 12—para mostrar-se offendido v.13—Cuyos affectos confissar v.14—y de que- rer-te me obriigo v. 15—que se espero amoroso v. 16—y recon- nosco enemigo		

Esta lacuna é, no entanto, pelo menos, parcialmente colmatada, pela possibilidade de se estabelecer um confronto com 13 colectâneas posteriores, onde se registam composições de Soror Violante do Céu, juntamente com outros autores significativos da época. Apesar do corpus textual desta edição ser constituído por 96 composições e só ter sido possível confrontar 25, é importante e significativo sublinhar que apenas 6 suscitaram propostas de alteração.

Não podemos, contudo, esquecer que, se o confronto destacou a lição de Ruão como a mais digna de crédito, esse confronto permitiu, simultaneamente, descobrir um grande número de variantes que devemos levar em consideração como potenciais alternativas¹².

Uma futura reedição não poderia, no decorrer destas constatações, deixar de ter em atenção quer as propostas de correcção quer as variantes alternativas que este trabalho permitiu relevar.

Trata-se de um conjunto de questões a que só a descoberta do manuscrito que estaria na base da edição de Ruão poderia dar uma resposta absoluta. De qualquer maneira, mesmo recorrendo, apenas, aos poucos elementos que possuímos, o interesse da obra poética de Soror Violante do Céu justifica um trabalho de reedição de *R.V.*, que não só é possível como desejável.

*Isabel Morujão
Rosa Maria Martelo*

¹² Esta atitude encontra justificação nas próprias palavras do compilador de *R.V.*, quando, numa carta a Soror Violante do Céu, publicada a título de prólogo da edição de Ruão, afirma:

«Restituo a V.M. impressos os versos que minha curiosidade juntou, e que traze[n]do comigo de Portugal a esta corte, fez dar á estampa o Excelentíssimo Senhor Cōde Almirante, por que sua generosidade, não quiz permitir ficase[m] no esquecimento de manuscritos, sendo elles tanto para admirados.

(...) Ja se sabe que [os erros] são de quem os deu á luz, e que V.M. fica disculpada na de todos, como quem tantos aplausos tem cõseguido.»